

Para quebrar o monólogo masculino: reflexões sobre o papel das mulheres no mundo das letras nas correspondências entre Gabriela Mistral e Victoria Ocampo, 1926 a 1956

Ana Beatriz Mauá Nunes¹

Resumo: Este artigo tem por objetivo discutir as relações de caráter pessoal e intelectual estabelecidas entre as escritoras Gabriela Mistral e Victoria Ocampo, no período de 1926 a 1956, sob a perspectiva da História das Relações de Gênero e dos estudos sobre as chamadas escritas de si. Entende-se que o intercâmbio epistolar entre essas escritoras se configurou tanto como um espaço para a reflexão sobre a condição de mulheres que se dedicavam à escrita, como para o debate sobre questões literárias e políticas de seu tempo. Entre as temáticas discutidas nas correspondências, destacam-se as ponderações a respeito dos significados das identidades latino-americanas – sob o signo da *americanidad* –, o papel do intelectual engajado na construção destas identidades, e o tema que aqui exploraremos com mais afinco, o lugar da mulher e do feminismo.

Palavras-chave: Gabriela Mistral; Victoria Ocampo; Epistolografia; Intelectuais.

To break men's monologue: reflections on the role of women acting in the world of letters in the correspondence between Gabriela Mistral and Victoria Ocampo, 1926 to 1956

Abstract: In the early 20th century in Latin America, the role of women in the intellectual and literary spheres was restricted by gender prejudice. Often treated as amateurs, woman writers and artists had their works marginalized or little recognized. As a response to this possible retaliation, these writers problematized their condition, and discussed possibilities of insertion and recognition within the intended scope. This paper aims to discuss the connections between intellectual and personal character established between the writers Victoria Ocampo and Gabriela Mistral, based on the analysis of the letters exchanged between them from 1926 to 1956. Through epistolary writing, the writers would have outlined their respective intellectual projects and advised each other on how to guide their professional endeavors over the years. Alongside these discussions, they shared their yearnings, expectations and frustrations regarding the restrictions imposed on them by being women and Latin Americans, partially integrated into European cultural circuits.

Keywords: Gabriela Mistral; Victoria Ocampo; Epistolography; Intellectuals.

¹ Mestranda em História Social pela Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, com a pesquisa intitulada “Tan criolla, criolla como yo: identidades, política e gênero na correspondência de Gabriela Mistral e Victoria Ocampo, 1926 a 1956”. Bolsista FAPESP - Processo nº: 2017/02839-9 Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - CAPES. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade da autora e não necessariamente refletem a visão da FAPESP e da CAPES. Contato: biamauanunes@gmail.com



Artigo recebido em: 29/12/2017

Artigo aprovado para publicação em: 09/05/2018

Victoria Ocampo,

Obrigada pelas flores tão bonitas. Eu viajo à Europa amanhã cedo. Eu perguntei a várias pessoas sobre você. Eu ficaria honrada e muito feliz em conhecê-la. Agora não é a hora. Em você, eu saúdo uma sensibilidade extraordinária para a de nossa raça, e eu me declaro sua serva.

Gabrielamistral.

O bilhete transcrito acima foi enviado por Gabriela Mistral a Victoria Ocampo em janeiro de 1926, quando ela deixava Buenos Aires para viajar à Europa. Essa mensagem inauguraria uma amizade que perduraria até o seu falecimento em 1957. Para além do afeto cultivado entre elas, a troca de correspondências funda um espaço privilegiado para que refletissem sobre suas experiências enquanto mulheres escritoras de origem latino-americana, atuantes na Europa e nos Estados Unidos. Embora tratassem de temáticas de suas vidas particulares, como relacionamentos amorosos, maternidade e suicídio, as correspondências serviram como instrumento para a sua articulação no campo literário e intelectual.

Este artigo tem por objetivo investigar o intercâmbio epistolar de Mistral e Ocampo a partir do entendimento desta modalidade como uma via particular de discussão sobre a atuação da mulher dedicada à escrita. A possibilidade de liberação nas cartas faz emergir, em comparação aos seus ensaios autobiográficos, contradições e ambivalências frequentemente obliteradas dos escritos publicados. O sentido de unicidade e de coerência muitas vezes imputado às suas trajetórias suprime outros conflitos, como a questão das identidades latino-americanas, tão efervescentes nas correspondências. Partindo das correspondências como fontes primárias para este estudo e os ensaios *La Mujer y su Expresión*, de Ocampo, e *Por una división del trabajo*, de Mistral, como fontes complementares, pretendemos revisitar temáticas e reflexões sobre os dilemas de gênero postulados pelas escritoras, de maneira a problematizar as contradições e nuances entre a formulação de discursos sobre o tema e suas atuações.

As correspondências dessas escritoras são um exemplo de intercâmbio epistolar extremamente rico e diverso, tanto pela pluralidade dos temas tratados quanto pela



extensa duração temporal, capaz de manifestar as transformações de suas trajetórias e visões de mundo. Ao todo, são oitenta e quatro cartas e bilhetes, sendo a maioria redigida por Gabriela Mistral.² A escritora manifestava certo despreendimento em relação à escrita epistolar, indicado pela constante ausência de referências de data e local de escrita. Ocampo, por sua vez, redigia a maior parte de suas cartas com cuidadosa caligrafia e em papel timbrado. Tal esmero com as correspondências se evidencia ainda pelo resguardo da maioria das cartas recebidas por ela em um conjunto epistolar de quase novecentos documentos, hoje em guarda da HOUGHTON LIBRARY, em Harvard. Os traços materiais das correspondências também são identificativos relevantes para o entendimento das formas pelas quais as autoras entendiam sua produção epistolar.

A análise das correspondências indica como a amizade entre as duas escritoras fora permeada por disputas e tensões de caráter identitário e político. As diferenças entre suas origens étnicas e de classe impediram que Mistral e Ocampo se reconhecessem enquanto indivíduos capazes de nutrir identidades em comum. Nas palavras de Mistral, “Nunca imaginei que você pudesse ser tão criolla, criolla como eu”. Aos olhos da escritora chilena, Ocampo era demasiado afrancesada e pouco atenta às questões de “nuestra américa”. Ao longo dos anos, sua percepção é ressignificada ao entender como sua interlocutora poderia representar uma “nova forma de criollismo” e contribuir para o desenvolvimento espiritual da América Latina por outras formas.

Pelo extenso e intenso diálogo epistolar, as escritoras converteram o estranhamento inicial em um proveitoso intercâmbio de ideias, caracterizado pelo aprendizado mútuo. Embora a amizade fosse permeada de afeto, certos pontos de tensão permaneceram ao longo dos trinta anos de diálogo, como a questão do engajamento político na América Latina, os significados da identidade latino-americana e a atuação do movimento feminista, por exemplo. Sua amizade era permeada por certas tensões e confrontos insuperáveis, pois, ainda que fossem amigas, eram também duas escritoras projetando a si próprias no mundo das letras, o que necessariamente demandava assumir ou não, certos posicionamentos políticos e ideológicos. Entende-se que a utilização de

² As pesquisadoras norte-americanas Elizabeth Horan e Doris Meyer organizaram e comentaram a correspondência de Mistral e Ocampo na coletânea “Esta Nuestra América: Correspondência 1926-1926”, publicada em 2007 pela editora El Cuenco de Plata. As demais fontes epistolares consultadas nesta pesquisa foram disponibilizadas pela Academia Argentina de Letras em 2018.

correspondências como fontes primárias para a investigação de trajetórias políticas e intelectuais de mulheres escritoras atuantes na primeira metade do século XX é deveras profícua na medida em que permite acessar a dimensão privada de sua vida pública. Isto é, analisar como essas mulheres percebiam sua atuação, conferiam significados às suas experiências e planejavam (ou não), as suas carreiras.

Neste sentido, a possibilidade de estudo de correspondências como fontes primárias para a produção de conhecimento histórico tem contribuído vigorosamente para o enriquecimento dos debates sobre os desafios e dilemas enfrentados por mulheres que se lançaram ao mundo das letras e das artes. Frequentemente categorizadas como amadoras, essas escritoras romperam com as expectativas de matrimônio e maternidade como únicos caminhos possíveis e ousaram adentrar esferas historicamente negadas a elas. Recuperar as suas correspondências representa certo esforço de adentrar os meandros da vida privada para o entendimento de sua atuação na vida pública. Enquanto certas temáticas e opiniões deveriam permanecer distantes de seus ensaios em jornais e revistas, o diálogo epistolar era efervescente e tornava possível as manifestações sobre as dificuldades e aflições encaradas por elas a caminho da profissionalização de seus ofícios. Ao estudar um conjunto epistolar de longa duração temporal, pode-se notar a evolução e transformação da temática das missivas e também dos sujeitos que as escrevem. Entre 1926 e 1956, as correspondências apontam para os processos de reflexão sobre os lugares de atuação de mulheres dentro e fora do mundo das letras, conforme os eventos do presente histórico das escritoras interferiram em vidas.³ Além da investigação sobre os temas ali presentes, é igualmente possível recuperar o movimento de construção de redes de sociabilidade intelectual e diálogos sobre projetos estéticos e literários.

A espontaneidade, premissa necessária ao hábito de se corresponder, serviu a classificação do gênero epistolar enquanto um gênero feminino, atrelado à sensibilidade, à ausência de capacidades retóricas e racionais de maior complexidade. “A arte de escrever cartas deve ser tão simples quanto à arte de conversar. A carta deve ser a

³ Embora tenham se correspondido ao longo de trinta anos (1926 a 1956), as vezes em que se encontraram pessoalmente foram apenas cinco. A primeira delas foi em dezembro de 1934, quando Mistral trabalhava como consulesa em Madrid; depois em 1938, quando Mistral se hospedou na casa de Ocampo em Mar de Plata. O encontro seguinte se dá em 1939, na cidade francesa Nice; posteriormente, em Washington em 1946, e um último encontro não datado por Ocampo em 1956, em Nova Iorque, perto da morte de Mistral.

expressão simples e fácil do sentimento e do pensamento.” (DIAZ, 2016, p. 37) Entretanto, como discute Brigitte Diaz (DIAZ, 2016) a partir do desejo de identificação de George Sand:

Por meio da recorrência desses testemunhos singulares, percebe-se o estatuto polivalente da carta, única modalidade de expressão concedida sem reserva às mulheres, ao mesmo tempo instrumento de uma tomada de consciência e de uma tomada da palavra, mas também espaço autobiográfico onde (sic) é possível se reinventar além das tópicas impostas da feminidade, e, para algumas, ainda, laboratório de escrita, onde é possível deixar nascerem aspirações literárias destruídas. (DIAZ, 2016, p. 205)

Tal estatuto polivalente da correspondência permite que ela seja investigada por chaves distintas. O estudo do epistolário de um único autor, por exemplo, pode supor a sua interlocução com certa rede de sociabilidade ou com um interlocutor específico, o “laboratório de criação” de suas obras literárias e negociações editoriais.⁴ No caso de um conjunto epistolar de duração extensa como o de Victoria Ocampo e Gabriela Mistral, seria equivocado pressupor que os lugares sociais dos quais as escritoras projetam suas falas tenham permanecido os mesmos ao longo dos trinta anos de correspondências, assim como suas concepções sobre gênero, política e sobre as identidades latino-americanas. Os eventos pessoais e profissionais das escritoras que interpelam suas trajetórias inferem diretamente na maneira e frequência como se comunicavam, como se manifestavam em relação uma a outra. Desta forma, a carta é um documento em constante processo de construção e ressignificação. (GARRIDO DONOSO, 2014)

Em segundo lugar, as correspondências são documentos colaborativos, na medida em que sua existência pressupõe a existência de um interlocutor direto e de um ou mais destinatários. O sujeito, no ato da escrita, desdobra-se em relação ao outro, este leitor-interlocutor. O destinatário da carta pode alterar tanto o conteúdo ali manifestado,

⁴ Destaca-se a produção do teórico José-Luiz Diaz. Em “Qual a genética para as correspondências?”, Diaz identifica as correspondências de escritores como “obras involuntárias”, na medida em que são fontes privilegiadas para compreender o percurso de criação e publicação de suas obras, sendo, simultaneamente, a “caixa registradora” e o “laboratório de criação” (DIAZ, 2007, p. 121). O primeiro momento apresentado pelo autor indica o registro de um “diário de obra” nas correspondências, em que o escritor apresenta etapas do processo de criação atreladas a uma fase particular da gênese: “menção a fontes, escrúpulos de expressão, escolha do título ou do editor, e até mesmo do frontispício ou do corpo”. O segundo momento se constitui como “laboratório de criação”, ao entender que as correspondências apresentam a possibilidade de experimentações estéticas e literárias que posteriormente seriam adotadas ou não nos livros.

como o processo de construção do “eu” na escrita: uma correspondência escrita para a própria mãe dificilmente seria redigida da mesma forma que uma carta a um amante. Se as autobiografias frequentemente apresentam a vida do sujeito como uma narrativa coerente e unitária, muitas vezes relativizando ou obliterando eventos selecionados, as correspondências se mostram como o espaço da contradição. Apresentam-se, desta forma, enquanto fragmentos autobiográficos.

A respeito da relação entre as mulheres intelectuais na América Latina, a crítica literária chilena Ana Pizarro formulou o conceito de *invisible college*. Este conceito define a articulação entre mulheres artistas e intelectuais latino-americanas por meio de correspondências, grupos de leitura e eventos sociais promovidos com a finalidade de divulgar suas obras literárias e projetos políticos. Esta rede de sociabilidade concretizada por mulheres contribuiu para sua projeção no campo artístico e intelectual graças à possibilidade de potencialização de seus discursos individuais. Ainda que não existisse unicidade estética, tampouco uma noção comum sobre a percepção de si próprias, essas mulheres produtoras de arte e literatura que integraram o *invisible college* latino-americano foram capazes de estabelecer diálogos transnacionais visando a sua inserção e visibilidade em meios culturais predominantemente masculinos. (PIZARRO, 2004)

Em termos teóricos, uma ferramenta imprescindível para a análise de fontes produzidas por mulheres é o conceito de interseccionalidade. Ele foi cunhado por teóricas e militantes do movimento feminista negro como Audrey Lorde, Kimberlè Crenshaw e Bell Hooks e tem contribuído intensamente para os estudos de gênero. O conceito de interseccionalidade discutido por essas pesquisadoras e militantes proporcionou o entendimento de que as clivagens de raça e classe, especialmente, são responsáveis por definir as experiências das mulheres na sociedade. O lançamento de novas perspectivas esteve também associado às problematizações e críticas à essencialização biológica do termo “mulher”, responsável por unificar a categoria em um conceito unívoco e não plural. A proposição de considerar recortes de raça e de classe consolidou-se enquanto uma ferramenta necessária para a compreensão da pluralidade da experiência de mulheres, que são determinadas e variam de acordo com esses aspectos. Do ponto de vista histórico, não existe categórica e genericamente uma visão “feminina” do mundo, comum a todas as mulheres independentemente de sua



origem social, raça, lugar de nascimento. São parcialmente comuns, todavia, dilemas e barreiras impostas às mulheres de uma mesma época e lugar, e que serão, da mesma forma, vivenciadas de maneiras específicas.⁵

Os instrumentais teórico-metodológicos desenvolvidos ao longo das últimas décadas se tornaram mais complexos à medida que os objetos e problemáticas demandaram aprofundamento. O próprio termo “História das Mulheres” foi questionado. A historiadora norte-americana Joan Scott, em *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, defende a ampliação do escopo investigativo circunscrito pela História das Mulheres para uma História de Gênero, pois esta abordagem permitiria a apreensão das “maneiras como as sociedades representam o gênero, utilizam-no para articular regras de relações sociais ou para construir o sentido da experiência.” (SCOTT, 1989) Essa concepção, contudo, foi problematizada por historiadoras, dentre as quais Claudia de Lima Costa em artigo intitulado *O tráfico de gênero*. A crítica reside sob a justificativa de que o termo gênero acarretaria na despolitização da categoria “mulher” ao imputar relativismo vago, responsável por desassociar o campo de pesquisa às disputas políticas. Estaria, ainda, abstraindo as identidades dos sujeitos e agentes destas questões. Entende-se, portanto, a necessidade de se atentar para ambas as dimensões, compreendendo a relação possível de complementaridade entre elas. (COSTA, 1988)

Em *História das mulheres*, Joan Scott também pondera sobre a escrita da história das mulheres e a história das relações de gênero, advertindo que este esforço não se constitui simplesmente por incorporar sujeitos subalternos às narrativas oficiais e por preencher as lacunas dos grandes feitos políticos e econômicos. Este posicionamento, compartilhado por Michelle Perrot em *Minha história das mulheres*, defende que o compromisso do historiador não se constitui em reparar os apagamentos nas narrativas da História, de modo a complementar ou preencher essas brechas. Perrot considera demasiado produtivo revisitar o passado apreendendo as mulheres enquanto sujeitos responsáveis por escrever suas próprias experiências. Ao estudar documentos produzidos por mulheres, como diários, autobiografias e cartas, é possível acessar

⁵ A teórica norte-americana Kimberlé Crenshaw define o conceito de interseccionalidade enquanto “as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação”. Essa definição opera no sentido de compreender as formas pelas quais o racismo, o patriarcalismo e a opressão de classe, todos eles sistemas discriminatórios, conformam formas de discriminação complexas. (CRENSHAW, 2002)

instâncias de expressão de conflitos e tensões perante a sociedade registradas nesses espaços.

Por Nuestra América: trajetórias e reencontros

Mistral e Ocampo partiram de origens étnico-sociais bastante distintas. Ramona Victoria Epifania Ocampo nasceu em 1889 no bojo de uma família da oligarquia portenha, sendo a mais velha de seis irmãs. De acordo com os ditames da educação tradicionalmente impostos para meninas de seu tempo e condição social, Victoria foi alfabetizada em francês, inglês, e posteriormente, em espanhol. (OCAMPO, 1979) As frequentes estadias na Europa despertaram seu interesse pela música, pelas artes e pela literatura, além de imprimir em sua formação pessoal e intelectual aquilo que Borges caracterizaria como o selo de “cidadã do mundo”. Motivada pelo desejo de conquistar alguma liberdade do controle familiar, Victoria celebrou matrimônio em 1912 com Luís Bernardo Estrada. A esperança de atender aos desejos de seus familiares e galgar certa independência foi solapada quando se deu conta que o matrimônio era inútil neste sentido, uma vez que do controle paterno passara aos ditames e regras do casamento. Por causa das limitações e dificuldades associadas às mulheres divorciadas à época, Ocampo permaneceu casada por anos com Estrada, apesar de morarem em casas separadas. Seu ímpeto por independência e liberdade denunciava certa aversão aos costumes restritivos impostos às mulheres da aristocracia portenha, inclusive o matrimônio e a maternidade. Ocampo rompeu com tais expectativas ao se dedicar à sua carreira literária.

Em 1931, fundou a Revista *Sur* e dois anos depois, uma casa editorial com o mesmo nome. Batizada pelo intelectual José Ortega y Gasset, amigo de Ocampo, a inauguração da Revista nasceu do desejo da escritora de promover pontes culturais e intelectuais entre América Latina, Europa e Estados Unidos. A necessidade de instauração deste diálogo, em seu entendimento, justificava-se pela história da formação da Argentina, em sua visão, dicotômica. A herança indígena e a colonização espanhola faziam, do país, por excelência, cosmopolita.

Tanto a fundação como a manutenção financeira do periódico são frutos do empenho de Ocampo, constantemente justificado pela necessidade de promover a integração cultural da Argentina com um circuito internacional de circulação de artes,



culturas e literatura. A escritora financiou a tradução e publicação de escritores estrangeiros pela *Sur*, bem como a sua vinda para a Argentina para palestras e conferências. Seu empenho enquanto editora-chefe da Revista marcou significativamente sua trajetória pessoal e profissional, e embora tenha se dedicado intensamente ao periódico, recebeu duras críticas de intelectuais engajados de sua época – inclusive da própria Mistral, como já citado anteriormente.⁶ Além destas questões, a *Sur* recebera críticas de outros grupos culturais por representar um reduto de intelectuais “esnobes” ou “elitistas”.⁷

Em certa medida, o distanciamento evocado por Mistral se deve a sua trajetória de vida, bastante distinta de Ocampo em diversos aspectos. Nascida exatamente um ano antes de Ocampo em Vicuña, no Chile, seu nome de batismo era Lucila Godoy Alcayaga.⁸ A escritora recebeu educação formal até os treze anos, quando abandonou os estudos para se dedicar ao trabalho e ao sustento de sua família, após o abandono de seu pai. Enquanto trabalhava como secretária durante o dia e professora durante a noite, Lucila compunha poemas, publicados com frequência no jornal de sua cidade. Ao longo dos anos, a jovem escritora participou de exames de qualificação pedagógica e conquistou posições no sistema educacional chileno, prestigiosas para uma mulher, como o de Diretora do Liceu. O reconhecimento e destaque no âmbito educacional, especialmente sobre temáticas relacionadas à educação indígena, resultou no convite para que trabalhasse no México durante o período pós-revolucionário pelo então Secretário da Educação Pública José Vasconcelos.

A experiência no estrangeiro impulsionou sua produção ensaística. A partir de 1925, Mistral dedicou-se à escrita e publicação de ensaios em dez jornais diferentes, em que narrava a experiência de latino-americanos na Europa: livros, pessoas, paisagens e outras temáticas que pudessem interessar ao número crescente de mulheres leitoras na

⁶ Em diversas ocasiões, Mistral criticava a forma como Ocampo se distanciava de suas origens latino-americanas ao escrever em francês, ao preferir assuntos exóticos em sua escrita, e “ao ser mais europeia que [...] um Europeu.” A utilização do francês nos primeiros momentos de sua carreira pode ser compreendida como uma possibilidade de ampliação do número de leitores, ao mesmo tempo em que a legitimava em certa comunidade de letrados. Aos olhos de sua amiga chilena, sua opção pelo francês se manifestava enquanto uma forma de negação da sua língua materna.

⁷ Sobre a atuação de Ocampo na *Sur* e a relação com a cultura política da Argentina da época, consultar a obra de Paulo Renato da Silva sobre as interações entre Ocampo e os intelectuais aglutinados ao redor da *Sur*. (SILVA, 2004)

⁸ Lucila adota o pseudônimo de Gabriela Mistral em homenagem ao poeta italiano Gabriele Mistral e ao poeta francês Frédéric Mistral.

América Latina. (QUEZADA, 2009) O comprometimento com a produção e mediação cultural marcou sua vida. Ele é caracterizado tanto por sua carreira na educação, quanto pela produção de obras literárias, como o livro de poesias *Desolación* de 1922. Foi convidada a representar a América Latina na Europa, na Liga de Nações do Instituto de Cooperação Intelectual e atuou como consulesa em diversos países, incluindo Espanha e Brasil. Consagrou-se internacionalmente enquanto escritora com a conquista do Prêmio Nobel de Literatura em 1945, sendo a primeira e única mulher latino-americana premiada pela Academia Sueca.

Os estudos destinados a atuação de Mistral como educadora e poeta são extensos e compõem uma bibliografia necessária a esta análise. Embora sua figura seja amplamente conhecida em seu país de origem como *La Santa Mistral* – a educadora, acolhedora, *madre de los niños* –, a descoberta das correspondências com Doris Dana (até então conhecida como secretária de Mistral) indica uma nova faceta da vida privada da escritora, a da possível homoafetividade. Observa-se em certa medida o processo de apagamento e neutralização das dimensões conflituosas de sua existência de modo a dar vazão à uma mulher despolitizada, cuja imagem é passível de apropriação por governos de orientações políticas diferentes e com finalidades igualmente distintas. Nos últimos anos, um novo esforço investigativo tem sido feito para revisão da trajetória da escritora, tendo em vista as complexidades e contradições de sua vida.

Entre esses estudos, destaca-se a antologia de escritos políticos da escritora organizada por Diego del Pozo e publicada em 2015, intitulada “Por la Humanidad Futura”. A compilação reúne ensaios publicados em jornais, como o chileno “El Mercurio” e o argentino “La Nacion”, assim como falas e discursos proferidos em eventos na Europa e nos Estados Unidos. Tal produção mistraliana, ainda pouco estudada, demonstra como ela se posicionou politicamente em relação à temas como o direito à educação universal, a urgência da reforma agrária no Chile e o imperialismo norte-americano. Constata-se então a necessidade de ampliar o entendimento sobre a sua trajetória para além dos limites de sua atividade enquanto poetisa e educadora, igualmente relevantes, mas que obscurecem sua forte inclinação para assuntos políticos. Mistral utilizou os canais de imprensa abertos a ela como meios de questionar injustiças e assumir responsabilidades ideológicas. Cada qual à sua maneira, ambas colaboraram direta ou indiretamente para a circulação de ideias dentro e fora da América Latina.



Apesar de possuírem origens étnicas e sociais distintas, compartilharam do sentimento de deslocamento ocasionado por uma integração sempre parcial e incompleta em circuitos culturais nos Estados Unidos e Europa, uma vez que estiveram sujeitas à estampa do exotismo associado ao estrangeiro. Da mesma maneira, problematizaram essa questão de maneiras diferentes. Ao que se pôde observar, Mistral manifesta maior consciência em relação ao lugar de subalternidade ocupado por escritores latino-americanos. Talvez, por esse motivo, reivindicou fortemente sua “americanidade”, tanto em sua poesia quanto em seus ensaios. No início do diálogo epistolar, Ocampo parece não manifestar a mesma consciência em relação à sua origem latino-americana. Sua predileção por uma comunidade de letras europeia pode ser observada pela adoção do francês em seus primeiros escritos, por constantes referências à tradição literária inglesa e francesa. Ao usar o francês, Ocampo desejava ampliar a possibilidade de diálogo com os escritores e escritoras almejados ao mesmo tempo em que negava a possibilidade de fazê-lo com seus próprios conterrâneos. A escritora argentina, ainda que não isenta de críticas, somente em raros momentos manifestou descontentamentos públicos com a relação hierárquica estabelecida entre Europa e América Latina.

A duração de um epistolário de extensão temporal tão longa quanto o de Gabriela Mistral e Victoria Ocampo depende necessariamente da existência de tensões que atuem como combustível para o estabelecimento de diálogos e reflexões. Esses ajustamentos se configuram ao longo do tempo atrelados aos movimentos dos autores de acordo com suas respectivas trajetórias. A contraposição de posturas políticas, a existência de um ambiente consistente de troca de ideias e as desestabilizações a respeito de posições literárias são pontos de embates de ideias que fomentam a continuidade do epistolário. O interesse em manter a amizade epistolar, de acordo com Doris Meyer, pode se justificar pela curiosidade provocada em conhecer uma à outra. Por um lado, Victoria Ocampo representava o mundo dos livros e da cultura, parcialmente negados a Gabriela Mistral durante sua infância. Por outro, Mistral simbolizava o retorno às origens latino-americanas, por vezes, tão distante da perspectiva cosmopolita de Ocampo.

Mistral via em Ocampo um mundo de acesso a livros e linguagens que sua árida juventude havia lhe negado. Da mesma forma, Ocampo considerou



Mistral enquanto uma conexão a uma serie de experiências e identidades que seu berço e educação haviam impedido. (MEYER, 2004, p. 27)

Apesar das diferenças, Mistral e Ocampo foram capazes de identificar similaridades em suas trajetórias. Reconheceram-se, uma na outra, enquanto *criollas*. Isso se deve ao entendimento de que os países de colonização espanhola e portuguesa na América, apesar das especificidades nacionais, partilham origens comuns. Sem especificações ou delimitações muito precisas, o passado em comum, dividido por homens e mulheres da América Latina, seria responsável por imprimir em cada indivíduo o sentimento de *americanidad*. O caráter privado das correspondências permitiu que as escritoras dialogassem a respeito de suas condições pessoais e políticas com certa liberdade. Por meio da escrita epistolar, as interlocutoras propuseram aproximações identitárias e conferiram novos sentidos a suas próprias experiências, especialmente as relacionadas a suas identidades sociais. Ao trocarem cartas, Mistral e Ocampo discutiram vivências e aceções sobre o que significava ser mulheres e intelectuais latino-americanas.

Em correspondência destinada à Ocampo em janeiro de 1935, Mistral escreve:

Algunas gentes a quienes preocupa el hecho americano *como unid*ad, la necesitamos y solemos sentir que Ud. Nos falta. Que como nos falta y en qué? Es un poco ingenuo detallar y concretar: comienza faltándonos en la lengua, continua faltándonos en una especie de europeísmo mayor que.. el europeo, acaba faltándonos en la preferencia de los temas exóticos quanto escribe. (MISTRAL; OCAMPO, 2006, p. 48. Carta de 14 de março de 1935, Ciudad Lineal, Madrid)

A respeito de se criar uma forma própria de *americanidad*, Mistral, mais adiante, afirma:

La *americanidad* no se resuelve en un repertorio de bailes y de telas de color ni em unos desplantes tontos e insolentes contra Europa. Este lote de *americanidad* sale de las manos zurdas de los chacoteros y los tontos. Hay mil direcciones y sendas posibles dentro de ella y Ud. Puede escoger, com su tino sutil, las más insospechadas. (MISTRAL; OCAMPO, 2006, p. 48. Carta de 14 de março de 1935, Ciudad Lineal, Madrid)

Os argumentos escolhidos por Mistral para garantir a adesão de Ocampo a sua *Americanidad* na carta se distinguem em dois pontos. O primeiro deles refere-se a uma crítica ao nacionalismo exacerbado de “tolos” sustentados pelo endosso às “almofadas das selas e esporas, do mate e do tango”. Essa forma de nacionalismo é apresentada em



contraposição ao propósito de inauguração de um novo criollismo, mais suave e distinto. O segundo refere-se à evocação de um grande símbolo da tradição liberal da Argentina, Domingo Sarmiento, por quem Ocampo nutria profunda admiração, como forma de legitimar seu argumento. Aos olhos de Mistral, se Sarmiento fosse vivo, concordaria com a necessidade de Ocampo em “cumprir suas obrigações”. Um aspecto relevante desta correspondência é como Mistral reivindica para si a identidade “latino-americana” ao estabelecer a diferenciação entre “nós” e “você”.

O estudo das correspondências entre mulheres que caminharam em direção à escrita profissional carrega ainda particularidades no que diz respeito aos processos percorridos por elas para garantir a circulação de seus ensaios e poemas. Com bastante frequência, aconselhavam-se a respeito da forma e conteúdo de seus trabalhos, bem como das possibilidades de publicação em revistas e livros. Em 1935, Ocampo ensaiava um tomo de seus *Testimonios* intitulado *Infancia*. Mistral escreve a Ocampo de Madrid, onde trabalhava como Consulesa, comentando sobre sua percepção de que haveria diversas “Victorias”, cujos traços de americanidade se distinguiam entre si:

Vino su libro, que mucho le agradezco. Y ahora no faltan sino esas págs. De Infancia para garrapatear a mi Victoria, a la mía, que no es exactamente la de los otros. Creo recordar que María me habló de esta publicación como cosa inmediata. No le hablo de los belos y nobles *Testimonios*, por no hacerle ler lo mismo dos veces aquí, e em mi artículo. [...] Afirma y mantiene Ud. Com.. la americanidad que le negué tantas veces, una americanidad más física que literária. Pero como existe terriblemente el cuerpo, Victoria, las otras americanidades vendrán, acarreadas, silbadas o hincadas por él tarde o temprano... (MISTRAL; OCAMPO, 2006, p. 46. Carta de 14 de março de 1935, Ciudad Lineal, Madrid)

Afinal, quem era Victoria Ocampo? A pressão de Mistral para que sua interlocutora se definisse não se justificava unicamente pela curiosidade de uma amizade. O empenho de Mistral esteve associado ao esforço de encorajar formas de comprometimento mais consistentes de Ocampo em relação à realidade política e social da América Latina. Sua argumentação pautava-se na noção de que haveria distintas maneiras de ser latino-americano, de que o *criollismo* poderia ser desenhado por ela própria, de acordo com seus interesses e aspirações.

Os tomos da *Autobiografía* de Victoria Ocampo, escritos a partir de 1952 e publicados após a sua morte, são de fato separados entre etapas simbólicas da vida da



autora: *El Archipiélago, Imperio Insular, La rama de Salzburgo, Virage, Figuras Simbólicas, Medidas de Francia e Sur y Cia*. A ausência das correspondências de Ocampo a Mistral, neste período, impede uma investigação mais apurada da possibilidade de as escritoras estarem discutindo a publicação da obra. Contudo, a recorrência da temática nas cartas seguintes pode sugerir que Ocampo acatou a sugestão de sua amiga. Entretanto, o conselho de Mistral que sugere a divisão dos tomos de acordo com os períodos de sua vida, como pode ser averiguado no trecho da carta a seguir, parece ter sido acatado:

El libro de las infancias, cuando sale? O há salido? Portugal separa mucho de España y yo no sé nada. Me dijo María que Ud. Tiene por completar las páginas que se digno leernos. Complételas y no tarde mucho, que eso, um libro, como um ángel, se va de las manos si no se le atarpa. Y luego passe de las Infancias a las Mocedades. Los que nunca tuvimos cerca sentimos un apetito furioso, que no es curiosidad boba, de su alma y de sus años, estancias donde nunca vivimos. No hay outra manera de tenerla y de que la vida que nos dejó sin Ud. Enmiende de alguna manera su mal y su rapiñeria. (MISTRAL; OCAMPO, 2006, p. 56, Carta de 07 de abril de 1936, Lisboa, Portugal)

Em muitas missivas, Mistral manifesta profunda curiosidade sobre a trajetória de Victoria Ocampo. Fosse por sua origem abastada, fosse pela intrigante forma pela qual Ocampo transitava entre Argentina e Europa, como uma “cosmopolita portenha”, sua figura suscitou interesse da amiga escritora, cuja trajetória de vida fora tão distinta da sua. Além da vontade de conhecer melhor a amiga, Mistral acreditava que o exercício da escrita autobiográfica seria um caminho para que Ocampo se aproximasse de suas raízes latino-americanas.

O esforço sempre insuficiente para categorizar precisamente o significado de “identidade latino-americana” indica como a existência de identidades culturais e políticas escapam de conceitos coesos e específicos, como já advertiu Stuart Hall. A respeito da pluralidade identidades nacionais, Hall afirma que as identidades nacionais são formadas e forjadas no interior da *representação*, isto é, dentro de um conjunto de signos e símbolos capazes de produzir sentido em um sistema de *representação cultural*. Os “sentidos sobre a nação” responsáveis por construir identidades residem nas histórias contadas sobre a nação, *a narrativa da nação*, cenários, eventos históricos, memórias que conectam seu presente e passado às imagens que dela são construídas e perpassadas. O discurso nacional, por sua vez, é permeado pela constante tensão de “retornar às glórias



do passado por avançar ainda mais em direção à modernidade”. (HALL, 178, p. 56) Ademais, Hall salienta que as identidades estão no plural, sendo simultaneamente sobrepostas e, por vezes, contraditórias. Além das identidades nacionais, podem existir identidades regionais e continentais, transportadas com o indivíduo, mesmo que longe de seu país de origem.

Para quebrar o ‘monólogo masculino’: o lugar da mulher escritora

Além das discussões sobre a formação de identidades latino-americanas, as escritoras também ponderam a respeito dos acontecimentos políticos de *sua América*. Em 1947, meses após a ascensão de Perón à presidência, Gabriela escreve a Ocampo indicando seu receio aos acontecimentos recentes na Argentina e nos demais países latino-americanos.

Lo de tu tierra, a medida que tome tinte comunista (y lo totalitário tiene que tomarlo), ya há pasado a mi país y algunos dicen que a Bolivia y a Paraguay. Cuando todo este amagado, la asfixia va a ahogar a cuantos hemos callado. (MISTRAL; OCAMPO, 2006, Carta de 02 de janeiro de 1947. Buena Vista St. Monrovia, Califórnia)

A emblemática frase de Mistral resume uma ideia presente em tantas outras cartas: a crítica ao distanciamento de Ocampo em relação a um engajamento militante em seu país. Em mais de uma ocasião, os conselhos de sua interlocutora são tentativas de incentivar sua amiga e escritora a nutrir algum tipo de comprometimento com a realidade ao seu redor. As longas falas de Ocampo sobre como as arbitrariedades do governo peronista interferiam em sua vida por meio da censura eram duramente rebatidas por Mistral, que identificava tais acontecimentos como consequências de suas abstenções da vida pública.

A ausência de uma atuação mais direta na vida política da Argentina tem por exceção um único tópico: os direitos civis das mulheres. A temática do feminismo foi sempre bastante cara a Victoria Ocampo. A escritora capitaneou publicamente o movimento de resistência ao ataque aos direitos civis das mulheres na Argentina em 1936, mesmo ano em que ajudou a fundar a União Argentina de Mulheres, ao lado de María Rosa Oliver e Susana Larguía. A UAM foi inaugurada em resposta às organizações católicas que pretendiam assumir a dianteira de uma reflexão a respeito do novo lugar



social da mulher. Com Ocampo na presidência, a organização contava com Ana Rosa Schlieper de Martínez Guerrero como vice-presidente e Perla Berg como secretária.

De acordo com Isabella Cosse, as reuniões informais aconteciam ao mesmo tempo em que Ocampo se posicionava em meios de comunicação de massa, como o rádio. Em determinada situação, Ocampo utilizou-se de uma conferência de rádio para declamar “La Mujer y Su Expresión” simultaneamente para Argentina e Espanha. O texto fora publicado inicialmente em *La Nación* e posteriormente publicado na *Sur*. Cosse reconhece que, à época, a UAM desempenhou atividade de grande alcance graças à propaganda capitaneada por Victoria Ocampo, tanto pelo contato com outras organizações quanto por sua assídua interação com figuras relevantes da época. Dentre os princípios e objetivos da UAM estavam: a expansão dos direitos civis e políticos das mulheres; o aumento das leis protetoras das mulheres da indústria, da agricultura e do serviço doméstico; o amparo à maternidade; a proteção ao menor e a diminuição e prevenção da prostituição. (COSSE, 2008).

Doris Meyer acredita que 1936 tenha sido um ano de transformação no pensamento de Gabriela Mistral em relação ao avanço dos direitos das mulheres. Embora tenha sido signatária da carta de fundação da UAM, Mistral não era uma feminista à época e seu posicionamento público se justifica em maior medida por um ato de solidariedade a Ocampo do que por convicção própria. Não se faz possível, portanto, compreender se a atitude de Mistral se deve a uma “troca de favores” em relação a Ocampo, visto que na mesma época as duas escritoras debatiam as condições de publicação de ensaios, ou se, de fato, a autora manifestava entusiasmo em relação à iniciativa de sua interlocutora.

No mesmo ano, Ocampo apresentaria *Um teto todo seu* a Mistral, e com a efervescência do diálogo entre as duas escritoras, a reflexão favorável à emancipação feminina parece apontar para outro sentido. Em carta de 21 de agosto de 1936, Mistral escreve:

Vino la colección de SUR, que me há parecido magnífica así magnífica, digna de usted. La primera vez que a mí *me llega* um alegato feminista es em la lectura de esse trabajo de V. Woolf. Habaría mucho que decirle a este respecto. Outro día. Le agradezco, *como um servicio personal*, el que usted no lo haya hecho traducir y me lo haya hecho llegar. (MISTRAL; OCAMPO, 2006, p. 57. Carta de 24 de janeiro de 1937, Portugal)



A influência de Virginia Woolf exerceu peso significativo na vida e obra de Ocampo, especialmente em suas reflexões sobre a condição das mulheres que se dedicavam à escrita, as particularidades da escrita feminina e os significados desta atribuição. Da mesma forma, a escritora argentina fora bastante importante na divulgação de sua literatura na América Latina, como afirma Mistral no excerto epistolar acima.

Em 1934, Ocampo e Woolf foram apresentadas por intermédio de Aldous Huxley em Londres. Ocampo nutria profunda admiração por Woolf, especialmente por ter sido encorajada por ela a escrever, independentemente do assunto e da língua escolhida. Apesar da cordialidade inicial, Woolf se ressentiu com Ocampo por esta ter pedido a Gisèle Freund que a fotografasse em Londres. Woolf se sente ultrajada pela possibilidade de ser fotografada, sobretudo por ter recusado. A respeito desta relação, Alicia Salomone afirma que, embora existisse certa afinidade em relação ao feminismo e ao apreço pelo gênero autobiográfico, o vínculo estabelecido entre elas se dá a partir de uma desigualdade insuperável. Tal barreira é derivada da posição que o discurso colonizador impõe a uma inglesa e uma latino-americana, e que autoriza uma relação entre colonizadora e colonizada.

Ocampo parece nunca elaborar racionalmente, ou ao menos manifestar-se publicamente, a respeito da hierarquia existente entre ela e Virginia Woolf. De acordo com Salomone, o discurso colonial que coloca a um lugar subordinado em relação a Woolf também a reserva o lugar de mediadora entre a metrópole ocidental e a alteridade americana. Inclusive, pertencer à uma família de elite. Embora Ocampo buscasse reconhecimento e diálogo com Woolf por suas afinidades feministas, um encontro igualitário entre elas não ser concretizado.⁹

Ocampo nunca elabora essa distância imperial que a separa de Woolf e, portanto, não resolve as múltiplas contradições que gera na sua escrita. Em nossa opinião, este conflito deve ser explicado a partir de uma dimensão política: o mesmo discurso colonial que coloca Victoria em um lugar

⁹ Por um lado, Woolf criou uma visão exótica de Ocampo, introduzindo uma clara distinção entre as duas. Ocampo, por outro lado, alimentou o imaginário de Woolf sobre a América do Sul, enviando-lhe uma caixa com grandes borboletas de diferentes países, inclusive do Brasil. Sobre essa relação, ver SALOMONE, Alicia. Virginia Woolf en los Testimonios de Victoria Ocampo: tensiones entre feminismo y colonialismo. Universidad de Chile: *Revista de Literatura*, Noviembre 2006, nº 69, p. 69-97.

subordinado a Virginia – como um membro da elite (neo) colonizada Argentina – reserva a ela um papel intermediário, de mediação entre a metrópole ocidental e a outra a América Latina (que da terra e seu povo: Índia, preto, mestiço, popular). (SALOMONE, 2006, p. 78)

Por muitas vezes, Ocampo ocupa um não lugar: aos olhos de Woolf, é latino-americana e, aos olhos de Mistral, europeizada. Da mesma forma, apropria-se de um papel de mediação cultural entre Europa e América Latina. A escritora, desde jovem, esteve ciente de sua posição pouco ortodoxa – alienada das convenções de sua classe, gênero, cultura e nacionalidade, e das restrições implicadas pelas convenções postuladas sobre as mulheres. Contudo, a problematização da hierarquia colonial entre os escritores europeus com quem se relacionava e o lugar que ela ocupava aos olhos deles pareciam nunca ser profundamente elaborados.

Inspirado em *Um teto todo seu*, o ensaio *La Mujer y Su Expresión* de Victoria Ocampo apresenta uma reflexão a respeito do processo de produção criativa das mulheres escritoras. Ocampo afirma que durante séculos a conversa entre homens e mulheres se estabeleceu como um monólogo. Isso se deve a duas razões. A primeira delas corresponde à falta de educação formal para as mulheres, até então oferecida unicamente aos homens. Em segundo lugar, a falta de uma tradição literária composta por mulheres capazes de inspirar jovens escritoras completava o rol de ausências e carências que faziam da literatura um campo difícil de ser adentrado.

Eu acredito que durante séculos, cada conversa entre homem e mulher [...] começou com um "não me interrompa" por parte do homem. Até agora, o monólogo parece ter sido a forma preferida de expressão adotada por eles. [...]. Durante séculos, tendo percebido que a razão do mais forte é sempre a melhor (tanto quanto não deve ser), a mulher se resignou a repetir, geralmente, migalhas do monólogo masculino, por vezes, disfarçado entre alguns de sua colheita. Mas, apesar de suas qualidades, como um cão fiel buscando refúgio aos pés do mestre que a pune, acabou encontrando cansada e inútil a tarefa. (OCAMPO, 1936, p. 6)

Além da impossibilidade de estabelecer um diálogo paritário com os homens, a produção intelectual e literária feminina teria se prendido a repetições de algumas das ideias masculinas, como as de “um cão fiel”. Para Ocampo, a condição da mulher “sudamericana” seria ainda mais preocupante que a mulher de certos países europeus. Ao contrário de problematizar a dimensão colonial existente entre Europa e América Latina, a escritora acredita que tal inferioridade se deva ao “medo de desagradar os homens”.



Caminhando para o final de seu ensaio, Ocampo conclama escritoras e pensadoras a se dedicarem a suas obras, pois acredita que a literatura mundial será incalculavelmente enriquecida com a contribuição das mulheres para o mundo das letras. E, acima de tudo, a contribuição proporcionará uma solidariedade subjetiva e objetiva entre as mulheres do mundo inteiro.

Ao longo dos anos, a condição das mulheres na sociedade argentina voltou a ser preocupação de Ocampo, especialmente durante os anos de peronismo, como aparece em uma carta destinada a Gabriela Mistral em 1956. No excerto, Victoria discorre sobre a construção de um estereótipo de feminilidade concentrado na figura de Eva Perón. A utilização da imagem de Evita para assegurar a aproximação com as classes populares foi denunciada por Ocampo como uma tentativa de falsear a representatividade de mulheres pobres.

El numero de SUR de Julio-Agosto lo dedicaré a la mujer. El antifeminismo de los argentinos es una lamentable enfermedad, agravada por el falso feminismo peronista y los desastrosos ejemplares de feminidad utilizados por el peronismo para su fines políticos. (MISTRAL; OCAMPO, 2006, p. 282. Carta de 26 de fevereiro de 1956, Mar del Plata)

A disputa política pelos direitos da mulher em voga no primeiro regime Perón teria assumido, aos olhos de Ocampo, duas feições opostas: a primeira, encabeçada por ela própria, uma escritora e defensora dos direitos das mulheres, e, a segunda, por Evita Perón, manipulada pelo governo peronista. Pela ótica de Ocampo, Evita era uma contradição: apesar da sua mobilização em prol do sufrágio feminino em 1951, ela agia sob o comando de Perón e era submissa aos interesses dele. Os esforços de Evita seriam uma prerrogativa do governante para instrumentalizar a luta feminista em prol de outros interesses políticos ou partidários.

O desejo de Ocampo de publicar escritoras latino-americanas e europeias na *Sur* orientou sua atuação no periódico. Na mesma carta citada acima, a escritora manifesta a intenção de dedicar uma edição inteira à temática do feminismo, o *issue* de julho-agosto de 1956. Sua pretensão não foi concretizada à época, embora as razões sejam incertas. Uma das hipóteses possíveis para que o dossiê dedicado às mulheres tenha sido publicado somente quinze anos depois pode estar atrelada à composição do corpo editorial da revista na época, que não partilhava da mesma afinidade com o feminismo de Ocampo.



De acordo com Janet Greenberg, apesar da influência de Ocampo nas diretrizes do periódico, sua produção ensaística era marginalizada, especialmente quando aplicava seus ideais políticos às páginas da revista. (GREENBERG, 1990)

Se a afinidade com os ventos feministas de sua época se manifesta de forma concreta na produção ensaística e autobiográfica de Ocampo, as ponderações a respeito deste assunto na obra de Mistral por vezes se despontam com tons mais conservadores, embora ela tenha atuado diretamente pela defesa da educação de meninas. Em ensaio de 1906, intitulado *La Instrucción de la mujer*, a escritora defende veementemente a necessidade da instrução de meninas e mulheres para que “traga uma dignidade para o coração e para a vida: a dignidade da ilustração.” (MISTRAL apud ZEGGER, 2001 p. 42) A atuação feminina, entretanto, nunca deveria obstruir seu verdadeiro propósito: a maternidade. A escritora nunca vivenciou, ela própria, a maternidade, ao menos não abertamente.

Em 1936, após a morte de sua esposa, o meio irmão de Gabriela Mistral, Carlos Godoy, entregou a ela seu filho, Juan Miguel Godoy Mendoza, quando a criança possuía um ano de idade, sob a promessa de que jamais reivindicaria a custódia do filho. Apelidado de *Yinyin*, o jovem foi adotado pela escritora e viveu com ela até 1943, quando cometeu suicídio por ingestão de arsênio quando viviam em Petrópolis, no Rio de Janeiro. Os motivos que levaram Yinyin à decisão tão extrema eram incertos, inclusive para a própria Mistral. Para ela, seu “filho adotivo” havia sofrido xenofobia no Brasil por conta de seus traços indígenas, bem como havia sofrido por conta de um amor não correspondido. Também chegou a afirmar que ele havia sido assassinado, embora a autópsia indicasse o contrário.¹⁰ De qualquer forma, a escritora jamais se recuperou emocionalmente de sua perda.

A questão da maternidade fora amplamente discutida pelos movimentos feministas dos anos 1960 e 1970. A noção da maternidade enquanto um dom natural, inerente à existência das mulheres, foi duramente questionada, dando margem a debates sobre o seu caráter compulsório. A pesquisadora francesa Elizabeth Badinter, em *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, traça um itinerário da história da família, tendo como ponto central a relação entre mães e filhos. Ao investigar o hábito de delegar

¹⁰ “Nadie podrá entender mi espanto de hallarme a mi Yinyin agonizando de arsénico. Nada, nada, nada me había preparado para este golpazo. Y nada hubiera podido perpararme”, MISTRAL, Gabriela. Cuardeno de Petrópolis, 1941-1945, p. 213.

os filhos para amas de leite, tão comum na França dos séculos XV ao XVIII, inclusive nas camadas mais baixas, Badinter demonstra como a necessidade de sobrevivência ultrapassava o sentimento de amor materno. Muitas mulheres trabalhadoras não podiam interromper seu trabalho para amamentar um filho, ainda mais sabendo que as possibilidades de que ele ultrapassaria o primeiro ano de vida eram baixas.

De acordo com Badinter, o movimento em favor do aleitamento materno inicia-se em meados do século XVIII como fruto do entendimento de que as crianças que faleciam nas casas das amas de leite e que eram abandonadas em orfanatos traziam mais prejuízo ao Estado, que poderia utilizá-las como meio de produção de riquezas. “A verdade é que a criança, especialmente em fins do século XVIII, adquire um valor mercantil. Percebe-se que ela é, potencialmente, uma riqueza econômica.” (BADINTER, 1985, p. 185) A partir de então, o papel da mãe, enquanto responsável pelo bem-estar do filho, sendo este o bastião do futuro da nação, passa a ser consolidado. Observa-se, ainda, a argumentação de que a mãe deveria ser o “modelo vivo” para o filho, responsável por inspirar bondade e virtudes, além da extrema valorização de sua capacidade de educá-lo de acordo com os valores republicanos. (BADINTER, 1985, p. 185)

Em correspondência de agosto de 1936, Mistral escreve a Ocampo sobre a participação das mulheres na Guerra Civil Espanhola. Na correspondência, nota-se a continuidade da ideia de que a participação feminina na guerra deveria ser sempre de suporte e auxílio aos soldados, desempenhando atividades de cuidado como costurar, cozinhar, cuidar dos filhos, etc.

A lo menos, yo quiero saber si María está em Madrid y si pensa em la posibilidad de salir *o si no ve peligro extremo para ella*. Y ya están peleando, carabina al hombro, las mujeres en la España, falangistas disparatadas y las comunistas. Yo deseo que ganen las izquierdas, pero yo no entiendo é nunca el que se lleve mujeres esa inmundicia de la guerrilha, así sea para salvar al Niño Dios que corriese.. peligro. Por dios, estos batallones de mujeres me traen com la cabeza vuelta de revés. Pudén ir a hacer la comida de los soldados, a coser su ropa, a llevarles los niños para que les vean, a regar, a trabajar em las industrias, a mil cosas; pero como lo espectacular es el pantalón y la cabarina, allá van, las grandes sensacionalistas. (MISTRAL; OCAMPO, 2006, p. 53. Carta de 21 de agosto de 1936, Lisboa, Portugal)

Meses após o falecimento de Mistral, Ocampo publicou o ensaio “Gabriela Mistral em suas Cartas”, em que afirma como a devoção da escritora a suas cartas se assemelhava a devoção a sua poesia. O talento epistolar de Mistral resguardou a ela um



lugar na posteridade. Esse mesmo cuidado na escrita de suas cartas, como Ocampo já nos advertiu, pode ser observado no trecho selecionado acima.¹¹ Para defender a concepção de que não caberia às mulheres a atuação no *front* e na guerrilha, Mistral dialoga com certo ideário de divisão sexual do trabalho, reforçado tanto em sua produção ensaística quanto literária. As formas de atuação da mulher devem estar sempre atreladas a determinados ideários de feminilidade, manifestados principalmente pela maternidade. Segundo Mistral, “a principal forma de patriotismo feminino é a maternidade perfeita.” (MISTRAL, 2016, p. 79)

Embora refletisse sobre a condição da mulher indígena chilena, da maternidade e da pobreza, e tendo ela própria rompido com padrões a ela impostos, Mistral, em diversos momentos, demonstrou profundas ressalvas ao movimento feminista dos anos 1930. Em *Una Nueva Organización del Trabajo*, publicado no Jornal El Mercurio em 12 de junho de 1927, a autora pondera a respeito das disparidades entre o trabalho masculino e feminino. Mistral afirmava que a mulher será igual ao homem quando não tenha seio para amamentar e não tenha em seu corpo a capacidade da vida, quer dizer, algum dia, em outro planeta, desses que exploram os teósofos em seu astral. Para ela, as diferenças biológicas entre homens e mulheres justificariam a existência de ofícios diferentes. (MISTRAL apud Del POZO, 2016, p. 80)

Ao longo do ensaio, Mistral propõe:

Pedimos una organización del trabajo humano que divida el trabajo humano en tres grupos:

Grupo A: profesiones u oficios reservados absolutamente para hombres, por la mayor fuerza material que exigen o por la creación superior que piden y que la mujer no alcanza.

Grupo B: profesiones u oficios enteramente reservados a la mujer por su facilidad física o por su relación directa con el niño.

Grupo C: profesiones u oficios que puedan ser servidos indiferentemente por hombres y mujeres. (MISTRAL apud Del POZO, 2016, p. 81)

A argumentação construída pela autora se baseia na noção de que existem certos tipos de trabalho que exigem maior esforço intelectual – como o de conselheiro dos

¹¹ Na mesma correspondência, Mistral pede a Ocampo que realizasse uma tiragem de 2000 exemplares de seu livro de poesias, *Tala*, pela Editora *Sur*, para reverter os fundos arrecadados para as crianças refugiadas da Guerra. A intenção de Mistral era fundar orfanatos no México – já que até o momento fora o único país a se manifestar favoravelmente às suas intenções – para acolher cerca de 6000 crianças fugidas da Espanha.

povos e filósofo – e que, portanto, deveriam ser desempenhados substancialmente por homens. Por outro lado, atividades de cuidado, como enfermagem e docentes da educação infantil, precisariam ser permanentemente realizadas por mulheres, uma vez que representariam um prejuízo de masculinidade ao homem. Tal discurso elaborado por Mistral se contrapõe à forma como ela própria desenhou sua trajetória, visto que a escritora não somente foi vencedora do Prêmio Nobel de Literatura como trabalhou como consulesa em diversos países. Pode-se observar como o processo de construção de uma identidade de gênero feminina se dá entre discursos e práticas, frequentemente conflitantes entre si. Tal incongruência pode indicar a emergência de diversidade de identidades femininas que se descortinam em meados do século XX e que escapam às dicotomias simbólicas estabelecidas tradicionalmente pelo patriarcado. Ao se distanciar dos lugares-comuns impostos às mulheres, associados exclusivamente à maternidade e cuidado do lar, Mistral desenha seu próprio entendimento de uma identidade feminina, ora reforçando tais convicções, ora distanciando-se delas.

De acordo com Mistral, determinados tipos de ofício exigiriam “maturidade absoluta da consciência, uma visão panorâmica da paixão humana que a mulher quase nunca ou nunca tem.” (MISTRAL, 2016, p. 83) Neste ensaio, Mistral reafirma a divisão sexual do trabalho, noção respaldada no entendimento de inferioridade intelectual e emocional feminina. Tal linha de argumentação apresenta um modelo conciliador de divisão sexual do trabalho, em que as restrições da mulher somente ao cuidado da casa e com os filhos são atenuadas. Nesta medida, o trabalho da mulher torna-se aceitável quando atrelado ao cuidado – por exemplo, enfermeiras, professoras infantis, etc. –, sem deixar de lado o trabalho doméstico. Identifica-se neste sentido a perpetuação de categorias cristalizadas de “homens” e “mulheres” e os papéis a serem assumidos por eles dentro de um sistema social que codifica os seus comportamentos e os dota de significado em relação a determinado modelo tradicional. Não obstante, os lugares sociais a serem ocupados pelas mulheres foram historicamente construídos, não a salvo de tensões e disputas sobre discursos a respeito da divisão entre o público e o privado.

Em *O Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva*, Silvia Federici discute como as raízes do domínio masculino e a construção da identidade social da mulher se constituem na “categorização hierárquica das faculdades humanas” (FEDERICI, 2017, p. 37) o que atribui às mulheres uma concepção degradada de



realidade corporal, física e intelectual. Federici entende o fenômeno da caça às bruxas como fenômeno responsável pelo processo de disciplinarização do corpo feminino, de seu confinamento ao espaço doméstico. Tal papel, associado principalmente à reprodução, foi elemento fundamental para o processo de acumulação primitiva de capital. A domesticação do corpo feminino atuou de maneira favorável ao capitalismo, sendo uma pré-condição para a acumulação de trabalho e riqueza. Ao se dedicarem ao trabalho não remunerado doméstico, as mulheres foram as responsáveis pela reprodução da força de trabalho humano. De acordo com a autora,

No que diz respeito ao enfoque feminista, nosso primeiro passo deve ser documentar as condições sociais e históricas nas quais o corpo se tornou elemento central e esfera de atividade definitiva para a constituição da feminilidade [...] Na sociedade capitalista, o corpo é para as mulheres o que é a fábrica para os homens: o principal terreno de sua exploração e resistência. (FEDERICI, 2017, p. 41)

A respeito do sufrágio feminino, Mistral também apresentava ressalvas. No ensaio *El voto femenino*, a escritora afirma que a bandeira do sufrágio fora apropriada tanto pelas direitas quanto pelas esquerdas a seu próprio proveito. Não acreditava na ideia de que os homens teriam medo da competência feminina “nós não tivemos mulheres geniais.” (MISTRAL, 2001, p. 63) Em resposta às críticas recebidas pelo texto anterior, sobre a divisão do trabalho, Mistral afirma: “segundo as bravas feministas que me sarandearam por desejar uma divisão sexual do trabalho, eu sou uma senhora medieval que nunca trabalhou.” (MISTRAL, 2001, p. 67) O pouco entusiasmo com o sufrágio, de acordo com Mistral, dá-se pelo fato de tampouco demonstrar o mesmo apreço pelo “Parlamento dos Homens.”¹²

Me avengo com muy pocas mujeres. Pero, sobretodo, son muy escasas *las que se sienten bien conmigo*. Y me han creado, al fin, certo complejo de infeminismo. No las busco. Verdad que aqui se trataba de una hermana de Ud.; debí pensarlo y debí buscar su dirección. Hoy le escribo. Le pido perdón por la torpeza y prometo hallármela más tarde em alguna parte. Ahora sé de ella cosas tranquilizantes. Una mujer de gran mundo me da siempre temor y también miedo. (MISTRAL; OCAMPO, 2006, p. 63. Carta de 31 de agosto de 1937, Rio de Janeiro)

¹² ZEGER, Pablo (comp.). *Gabriela Mistral. La tierra tiene la actitud de una mujer. Pensamiento feminista. Mujeres y oficios*. Chile: RIL EDITORES, 2001.



Em diversas correspondências, Mistral manifesta seu sentimento de inadequação referente a determinados estereótipos de feminilidade; por isso, “me dou muito bem com poucas mulheres”. De acordo com a escritora, a sua herança basca havia determinado um traço marcante em sua personalidade, incompatível com o “sentimentalismo feminino”: a forma dura e honesta de dizer as coisas. De acordo com a análise das fontes investigadas, a escritora parece se distanciar dos estereótipos de feminilidade associados às mulheres de sua época. Ao mesmo tempo em que ela reconhece certos padrões de comportamento associados a elas, reforça traços de sua personalidade atrelados à masculinidade, como a avidez e a dureza na fala. Nota-se, neste sentido, o processo de construção de sua identidade feminina, ainda que de maneira inconsciente, mas que demonstra a existência de conflitos entre as representações tradicionais patriarcais e a emergência de subjetividades edificadas sob a inserção de mulheres em campos até então predominantemente masculinos.

Considerações finais

As correspondências de Victoria Ocampo e Gabriela Mistral indicam um hábito significativo de compartilhamento de ideais e projetos das escritoras, da troca constante de experiências e reflexões sobre suas vivências. Acima de tudo, apresenta uma dimensão significativa dos projetos arquitetados por Ocampo ao longo de sua vida sobre o futuro da Revista *Sur*. Finalmente, as cartas constituem um primeiro plano de elaboração de projetos culturais e narrativas políticas que posteriormente seriam tornados públicos. Por fim, as correspondências trocadas por Ocampo e Mistral demonstram seu compromisso com a produção literária e intelectual, e ainda assim, como em meio a essa atmosfera, redescobrem e redefinem suas identidades.

As duas escritoras dedicaram-se à construção de imagens de si próprias enquanto mulheres independentes, o que necessariamente implicava em certos silêncios e apagamentos de aspectos que poderiam, por ventura, fragilizar suas respectivas imagens perante o público. Desta forma, o temor de fragilização associado ao seu gênero obliterava narrativas excessivamente sentimentais em seus ensaios autobiográficos, e que por ventura apareciam nas correspondências trocadas entre si. Nota-se, entretanto, o processo de instrumentalização das correspondências como forma de manifestação de posicionamentos políticos, de reflexões sobre suas respectivas condições profissionais e



privadas, direcionadas uma a outra. O reconhecimento de mulheres que almejavam notabilidade pública dependia não somente da qualidade de seus escritos literários como das estratégias por elas mobilizadas para se inserirem em circuitos de produção literária de sua época, o que inevitavelmente passava pelo hábito epistolar. O espaço de diálogo inaugurado pela correspondência não se configurou apenas como um campo de discussões e reflexões sobre dilemas relacionados às suas vidas privadas, mas também como lugar para pensar sobre suas próprias obras, para trocar favores com outros escritores, barganhar possibilidades de publicação, entre outras coisas.

O reconhecimento de Gabriela Mistral enquanto escritora não se consolidou apenas pela qualidade literária de seus escritos, mas esteve associado à sua capacidade de articulação com um cânone literário majoritariamente masculino, reforçado por redes de sociabilidade formadas pela troca de cartas, pela redação de prólogos a artigos e livros de outros escritores. Em relação à trajetória de Victoria Ocampo, pode-se também afirmar que o esforço para a criação e manutenção da *Sur*, como sua atuação enquanto mecenas e escritora, esteve atrelado à sua habilidade de se associar a diversos escritores e figuras notáveis de sua época, que inevitavelmente contribuíram para sua carreira. Isso se pautava ainda pela necessidade de autodefinição da mulher escritora em um mundo patriarcal atrelado ao desejo de formação de uma tradição de escritoras mulheres.

As correspondências emergem como uma autobiografia paralela, fragmentária e frequentemente involuntária do autor, ao mesmo tempo em que representam um instrumento inerente à construção e cristalização de suas imagens pessoais perante outros escritores. Por fim, representam o vértice de associação entre o vínculo social e a sociabilidade, entre a esfera da individualidade e subjetividade e a de interação com o que é público. Embora lancem indícios a respeito das trajetórias de mulheres que ousaram romper com os lugares sociais impostos a elas, as correspondências também escancaram as complexidades e contradições, muitas vezes características de suas trajetórias pessoais, que, porventura, foram obliteradas. A discussão sobre o lugar das mulheres presente tanto nas correspondências quanto nos ensaios acima discutidos evidencia como os esforços para categorizar o pensamento político e social destas escritoras, sem, no entanto, recuperar as ambivalências de suas trajetórias, não dá conta da multiplicidade de nuances presentes em seus caminhos.



Não obstante, as correspondências lançam luz sobre as contradições do pensamento político destas escritoras. No caso de Gabriela Mistral, a complexidade de sua faceta política escapa a quaisquer classificações dicotômicas. Compreender essa multiplicidade significa atentar, sobretudo, para as estratégias mobilizadas por ela em direção ao seu reconhecimento profissional. Mais do que manifestações de sua personalidade, tais posicionamentos podem indicar as ferramentas por ela mobilizadas para que garantisse o seu reconhecimento enquanto escritora e consulesa, afinal, ao apresentar ressalvas e considerações ao movimento feminista entendido como “radical”, a escritora colocava-se de maneira mais ponderada ao debate público. Embora reforçasse certa divisão do trabalho entre os sexos, ela própria rompeu inúmeros paradigmas impostos às mulheres de sua época. Inclusive, dedicou-se de maneira assídua à defesa da educação de meninas, especialmente as de origem indígena. O trânsito entre discursos progressistas e mais conservadores a respeito da atividade feminina também serviam como uma forma de negociação de seu reconhecimento público.¹³

Da mesma maneira, faz-se necessário compreender as muitas “Victoria(s)”, as contradições entre sua predileção pelo europeu e a reconciliação com suas raízes latino-americanas, as manifestações em prol dos direitos das mulheres e as frequentes ausências de um comportamento mais militante. Ao contrário de categorizações definitivas sobre as trajetórias destas escritoras, faz-se necessário compreender as contradições de suas trajetórias, as possíveis incoerências e incongruências para compreender os desafios por elas enfrentados, e em quais momentos eles significavam renúncias ou manifestações. A existência de um espaço de comunicação entre mulheres intelectuais indica a consolidação de canais alternativos de diálogo, espaços que podiam discutir suas experiências com liberdade. O conteúdo de tais reflexões apontou para o contínuo processo de elaboração de novas identidades femininas, muitas vezes conflitantes entre si.

Não obstante, o diálogo epistolar entre Mistral e Ocampo denuncia as representações sobre a feminilidade em conflito: qual deveria ser o lugar da mulher na sociedade? As possibilidades exclusivas de maternidade e casamento não eram capazes

¹³ Consideramos, ainda, o papel do catolicismo e da espiritualidade de uma maneira mais geral no pensamento político de Mistral, temáticas a serem aprofundadas em outra oportunidade.

de suprir as ambições de sua existência. Entretanto, quais seriam os novos caminhos a serem abertos e conquistados? As percepções conflituosas sobre os significados de uma identidade feminina indicam o lugar de deslocamento ocupado por tais mulheres ao escaparem do papel social historicamente imposto a elas. Desta maneira, a conformação de um espaço privado para que dialogassem sobre o tema favoreceu o processo de construção de novas possibilidades de atuação para as mulheres. Ainda que por vezes reforçassem estereótipos de caráter mais conservador – como é o caso de Mistral –, a sua atuação evidencia como tais identidades são sobrepostas e estão em processo de constante redefinição.

As investigações destinadas à trajetória de mulheres intelectuais atuantes na América Latina na primeira metade do século XX devem ser capazes de compreender as nuances e ambiguidades de suas vidas privadas e discursos políticos. Ao contrário de mulheres dedicadas exclusivamente à militância política, Mistral e Ocampo dividiam-se entre a construção de suas identidades políticas ao mesmo tempo em que negociavam o seu reconhecimento enquanto escritoras profissionais. Esses fatores devem ser entendidos enquanto determinantes para a construção de suas subjetividades, tanto na vida pública quanto na vida privada.

Referência Bibliográficas

BEIRED, José Luis Bendicho. *Sob o signo da nova ordem*. Intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina. São Paulo: Loyola/História Social-USP, 1999.

BERGMANN, Emilie L. *Women, culture, and politics in Latin America*. Berkeley: University of California Press, 1990.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1998.

BURKE, Peter. *A Escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 2011.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. As práticas da Escrita. In: ARIÉS, Philippe. (Org.) *História da Vida Privada: da renascença ao século das luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.



CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). Cadernos Pagu (4) - fazendo história das mulheres, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1995.

COSTA, Claudia de Lima. O tráfico de gênero. Cadernos Pagu, vol. II, 1988.

COSSE, Isabella. La lucha por los derechos femeninos: Victoria Ocampo y la Unión Argentina de Mujeres (1936). *Revista Humanitas*, XXVI, 2008.

DIAZ, José-Luis. Qual genética para as correspondências? *Manuscrita*. Revista de crítica genética, São Paulo, n° 15, 2007.

DUBY, George; PERROT, Michele. *História das Mulheres no Ocidente*, v. 4, Porto: Edições Afrontamento, 1995.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2008.

GARRIDO DONOSO, Lorena. Género epistolar y hermandad artística en la poesía de mujeres de la primera mitad del siglo XX. *Lit. lingüíst.*, Santiago, n° 29, 2014.

GOIC, Cedomil. Recado a Victoria Ocampo, en la Argentina, de Gabriela Mistral. *Estudios filológicos* 45:35-47, 2010.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

KING, John. *Sur: estúdio de la revista argentina y de su papel en el desarrollo de una cultura. 1931-1970*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

LEJEUNE, Philippe. A quem pertence uma carta? In: _____. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MANZANO, Rolando. Recorrer la vida desde la vereda contraria. *DIBAM*, Revista Patrimonio cultural, n° 46, Santiago, año XIII, 2008.

MALATIAN, Teresa. Cartas. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla B.; LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2011.

MARTING, Diane. *Spanish American Women Writing: a bio-bibliographical source book*. New York: Greenwood Press, 1990.

MEYER, Doris. The Early (Feminist) Essays of Victoria Ocampo. *Studies in 20th Century Literature*. Vol. 20: Iss. 1, Article 4. 1996. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4148/2334-4415.1380> Acesso em: 27 de novembro de 2017.



MISTRAL, Gabriela. Feminismo: una nueva organización del trabajo. In: Del POZO, Diego (Org.). *Por la humanidad futura: antología política de Gabriela Mistral*. Santiago: La pollera ediciones, 2015.

_____, Gabriela; OCAMPO, Victoria. *Esta Nuestra América: correspondência, 1926-1956*. El cuenco de Plata: Buenos Aires, 2006.

MOTTA, Romilda Costa. Práticas e representações de si: Os escritos autobiográficos da mexicana Antonieta Rivas Mercado e da brasileira Patrícia Galvão. Tese de doutoramento, FFLCH/USP. 2015.

MOLLOY, Sylvia. *Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América Hispânica*. Chapecó: Argos, 2003.

MORA, C. Mistral y las vanguardias. Centro Virtual Cervantes, 2008.

MORAES, Marcos Antonio de. Epistolografia e crítica genética. *Ciência e Cultura (SBPC)*, São Paulo, v. 59, n° 1, p. 30-32, jan.-mar. 2007.

MORAES, Marcos Antonio de. *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2007.

STEINER, Patricia Owen. Victoria Ocampo: writer, feminist, woman of the world. Albuquerque, NM: University of New Mexico Press, 1999.

PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. Gabriela Mistral: el proyecto de Lucila. Santiago: LOM; Embajada de Brasil en Chile, 2005.

SARLO, Beatriz. *La Máquina Cultural: maestras, traductores y vanguardistas*. Buenos Aires: Seix Barral, 2007.

SARLO, Beatriz. *La Batalla de las Ideas, 1943-1973*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2007.

SCHRODER, Daniela. Between indigenism and mestizaje (miscegenation): interpretations about the colonial in the prose of Gabriela Mistral. *Universum: Talca*. v. 31, n. 2, p. 229-244, 2016. Disponível em: ww.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-23762016000200014&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 20 de novembro de 2017.

SCOTT, Joan W. *A cidadã paradoxal. As feministas francesas e os direitos do homem*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2002.

SCOTT, Joan W. *Gender: a useful category of historical analyses*. Gender and the politics of history. New York: Columbia University Press, 1989.



TEITELBOIM, Volodia. *Gabriela Mistral pública y secreta: truenos y silencios en la vida del primer Nobel latinoamericano*. Santiago: BAT, 1991.

VÁSQUEZ, Carola Gabriela. *Gabriela Mistral: das danças de roda de uma professora consulesa no Brasil*. Campinas, 2014.

XAVIER, Elodia. Quarto de Despejo. Testimonio de una mujer subalterna. In: *Mujer: Escritura, Imaginario y sociedad en América Latina*. Mérida: Universidad de los Andes, 2004.

ZEMBORAIN, Lila. *Gabriela Mistral: uma mulher sin rosto*. Buenos Aires: Viterbo Editora, 2002.

ZEGER, Pablo (Comp.) Gabriela Mistral. La tierra tiene la actitud de una mujer. Pensamiento feminista. Mujeres y oficios. Chile: RIL EDITORES. 2001.

